



Organizador

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

PSICANÁLISE

Conceitos elementares da obra de W. R. Bion

Blucher



CONCEITOS
ELEMENTARES DA
OBRA DE W. R. BION

Organizador

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

Conceitos elementares da obra de W. R. Bion
© 2023 Paulo de Moraes Mendonca Ribeiro
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Jonatas Eliakim
Coordenação editorial Andressa Lira
Produção editorial Lidiane Pedroso Gonçalves
Preparação de texto Ana Lúcia dos Santos
Diagramação Negrito Produção Editorial
Revisão de texto Maurício Katayama
Capa Laércio Flenic
Imagem da capa Thaís Helena Thomé Marques, *Da escuridão*

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.
É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Conceitos elementares da obra de W. R. Bion/
organizado por Paulo de Moraes Mendonça
Ribeiro. – São Paulo: Blucher, 2023.

254 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-328-8

1. *Psicanálise* 2. Bion, Wilfred R. (Wilfred
Ruprecht) – 1897-1979 3. Ribeiro, Paulo de
Moaes Mendonça

22-7173

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. *Psicanálise*

Conteúdo

1. Quem foi W. R. Bion? Entrevista com Dr. José Américo Junqueira de Mattos 17
Martha Maria de Moraes Ribeiro
Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini
2. Uma teoria do pensamento, fatores e funções da personalidade 35
Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro
3. A função do sonhar em Bion, *rêverie* 47
Fernanda Sivaldi Roberti Passalacqua
4. Parte psicótica e não psicótica da personalidade 59
Sandra Luiza Nunes Caseiro

5. Transformações	69
<i>Rachel Barbosa Lomônaco Beltrame</i>	
6. Sobre memória, desejo e necessidade de conhecimento	77
<i>Mércia Maranhão Fagundes</i>	
7. Realidade sensorial e realidade psíquica, intuição	87
<i>José Cesário Francisco Jr.</i>	
8. Édipo: a tragédia do conhecimento	95
<i>Miguel Marques</i>	
9. Teoria da Complexidade e a multidimensionalidade da mente	107
<i>Thais Helena Thomé Marques</i>	
10. Reflexões clínicas: como Bion trabalhava?	117
<i>Beatriz Troncon Busatto</i>	
11. Quem é Wilfred Bion para você? Em que o pensamento de Bion contribui para a evolução de sua prática psicanalítica?	129
<i>Beatriz Troncon Busatto</i>	
12. O uso dos “modelos” na prática clínica	149
<i>Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini</i>	

13. Turbulência emocional 161
Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis
14. Cesura 175
Miguel Marques
15. A mente primordial e o psiquismo fetal 187
Sônia Maria Mendes Eleutério Mestriner
Mércia Maranhão Fagundes
Fernanda Sivaldi Roberti Passalacqua
16. A Grade: um instrumento de observação clínica 207
Rachel Barbosa Lomônaco Beltrame
17. Uma Memória do futuro 217
Mércia Maranhão Fagundes
Miguel Marques
Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro
Thais Helena Thomé Marques
18. Reflexão clínica: um seminário clínico com Bion 231
Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

1. Quem foi W. R. Bion?

Entrevista com Dr. José Américo Junqueira de Mattos

Martha Maria de Moraes Ribeiro

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini

Introdução

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

O nosso entrevistado, o colega Dr. José Américo Junqueira de Mattos, nasceu em maio de 1934, em Uberaba-MG. Formou-se em medicina pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro de Uberaba. Junqueira fez sua formação psicanalítica oficial em São Paulo e, em 1976, qualificou-se como membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Atualmente, é analista didata da SBPSP e analista com funções didáticas da SBPRP.

Logo após terminar sua formação oficial como psicanalista, em 1977, Junqueira mudou-se com sua família para Los Angeles, nos Estados Unidos, para fazer sua análise pessoal com Wilfred Bion. Ao voltar de lá, escreveu o precioso trabalho “Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion”, agora um livro da Editora Blucher.

Sua experiência de análise pessoal com o Dr. Bion ofereceu-lhe um vértice de observação único, o qual compartilha conosco nesta rica e emocionante entrevista que foi cuidadosamente elaborada pelas nossas colegas Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini e Martha Maria de Moraes Ribeiro, ambas analistas com funções didáticas da SBPRP.

Temos acesso aos dados biográficos do Dr. Bion; há várias fontes disponíveis para tal. Entretanto, nosso intuito na experiência da entrevista é diferente. Queremos conhecer um pouco mais do homem por detrás do psicanalista, o Bion como ser humano, o Bion para além do cientista e do psicanalista clínico formidável que sabemos que ele foi – e continuará sendo.

Foi nesse sentido que as colegas Cida e Martha elaboraram as questões que se seguem. Como verão, elas fizeram isso com amor, dedicação e esmero, gerando uma oportunidade privilegiada de acesso ao admirável Dr. W. R. Bion, por meio do nosso querido e generoso colega Dr. Junqueira.

A entrevista foi coordenada pela colega Mônica Bitar Santamarina Araújo e aconteceu no auditório da SBPRP, no dia 22 de fevereiro de 2021.





Figura 1.1 – Dr. Junqueira, dra. Maria Aparecida e dra. Martha Maria.

Entrevista

Primeira questão

Cida: Dr. Junqueira, tenho uma predileção por aquele Bion que nos foi apresentado pelo senhor em seu consagrado texto “Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion”, que coincide com os últimos anos de vida dele (1977/1979). Sempre que oportuno, tenho sugerido aos colegas a leitura desse texto, agora editado pela Editora Blucher (2018). No prefácio do livro, o Dr. João Braga o define como “raridade histórica do trabalho clínico de Bion” (p. 10). Então, gostaria de saber o seguinte: hoje, para o senhor, o que se destacaria como impressão maior dessa pessoa – desse analista encarnado, real, de sua experiência emocional com ele compartilhada –, o Dr. Bion, como a ele o senhor se refere com tanto apreço?

Dr. Junqueira: é um prazer rever vocês, Cida e Martha, pessoas que eu tanto amo! Olha, Cida, é bastante difícil destacar o que é mais relevante na experiência que tive com o Dr. Bion. Eu posso te afirmar que essa experiência continua muito viva, apesar de passadas tantas décadas de minha experiência com ele.

Em 1972, quando de sua primeira vinda ao Brasil, em uma das suas conferências, ele se referiu a Milton. Bom, eu me lembrei de quando eu era criança. Meu pai era poeta e tinha uma biblioteca grande, com uma edição de *Paraíso Perdido*, de Milton, ilustrada por Gustave Doré, que tem figuras muito lindas! Muito bem, eu me lembrei de estar folheando aquele livro e admirando aquelas figuras. Quando o Dr. Bion falou isso, eu pensei: essa pessoa pode me entender! Aí nasceu o primeiro desejo de eu me analisar com ele – isso foi em 1972, e esse desejo nunca mais arrefeceu. E, com o tempo, tornou-se uma força quase incoercível, a que eu precisava, então, de uma certa forma, obedecer. Muito bem. Mas, quando eu decidi, e eu me decidi porque eu não me sentia entendido pelo analista com quem eu estava fazendo análise – eu não vou entrar em detalhes porque isso é outra conversa –, comecei a me preparar para ir para o exterior, comecei a estudar inglês. Faço uma pequena notação, em 1975, quando ele veio ao Brasil, mais especificamente em Brasília. Depois de uma das supervisões, eu pedi para falar alguns minutos com ele. Quando terminou a supervisão, ele me chamou, e eu disse que, se ele arrumasse horários para mim, eu me mudaria para Los Angeles para fazer análise com ele. Ele pensou um pouco e perguntou com quem eu fazia análise, eu disse que era com o Frank Phillips. Então, ele disse que infelizmente já tinha tomado todos os pacientes que ele podia atender durante a vida dele e que não poderia, então. No ano seguinte, terminei a análise com o Frank Phillips e imediatamente fui à sede da Sociedade e peguei o endereço do Dr. Bion. Escrevi uma carta completa para ele, explicando quais eram todos os motivos pelos quais eu queria fazer análise com ele. Mais ou menos uns vinte dias depois, eu recebi a resposta dele me dizendo que, se eu pudesse estar lá no começo de setembro do ano seguinte, ele teria horários para mim. Foi o que aconteceu. Agora, quando eu fui, eu estava um pouco inseguro porque, ainda que eu falasse bem o inglês, eu não dominava a

língua, não sabia se seria o suficiente para fazer análise. Mas, com muita esperança, eu fui e, na verdade, jamais tive problema algum de língua com o Dr. Bion. Ele entendia meu inglês meio ‘amineirado’, e nos demos muito bem nesse aspecto! Já na primeira sessão, quando eu me abri com ele sobre os motivos pelos quais eu o procurava, eu me senti completamente à vontade, e as coisas se engrenaram. Eu tive, realmente, uma experiência fantástica com ele.

Segunda questão

Cida: Bion escreveu continuamente, produziu textos psicanalíticos desafiadores, teóricos e de técnica, até o fim de sua vida, em 1979, tendo inclusive alguns trabalhos editados postumamente. Na evolução de seu pensamento psicanalítico, o desprendimento da teoria kleiniana é notório, em direção às próprias e originais elaborações. Em sua experiência com ele, de que modo as próprias teorias compareciam na situação de análise? O senhor considera que, nesse período, a despeito de sua originalidade, a influência da teoria kleiniana – ou de Melanie Klein – era ainda presente nele?

Dr. Junqueira: olha, Cida, eu não posso dizer isso, que aparecia ou não; eu acho que não. Ele tinha um lindo retrato da Melanie Klein em cima da escrivaninha dele. Então, eu imagino que ele fosse muito ligado a ela. Mas que aparecesse isso em análise, não. Eu só me recordo, aliás, ele nunca dava interpretações teóricas, isso nunca; eu só me recordo de uma única vez. Foi o seguinte: no restaurante do hotel em que eu estava, fato ocorrido antes de a minha esposa, Yvonne, ir para Los Angeles, os pratos vinham numerados. Então, eu disse para a garçonete que me atendia: *I want the second*, e ela disse: *Ah, number two?*”. E eu disse: *No, the second*. Então, eu peguei o automóvel e fui para a análise chateado, pensando: será que eu vou ter de falar só do jeito que esse povo quer que eu fale,

não vou nunca me enganar? Aí, eu falei para o Dr. Bion que, com ele, eu não sentia esse problema. Eu lhe disse que me senti como se estivesse no Leito de Procusto, que tinha de caber na medida que era preestabelecida. Ao que ele me disse: “o primeiro Leito de Procusto que o Sr. visitou foi quando saiu da sua mãe”. Interessante! Agora, na realidade, dificuldade de idioma com ele eu não tive. Tive em muitos locais em Los Angeles, mas, com ele, não.

Cida: essa interpretação que é meio kleiniana, meio bioniana parece ser uma integração.

Dr. Junqueira: interessante, Cida, que, muito tempo depois, quando eu estava revisando as supervisões gravadas, ele fala sobre isso, de, ao nascer, sentir-se como se estivesse sendo castrado. Eu acho que Melanie Klein deve ter dado essa interpretação para ele.

Terceira questão

Martha: Pensando sobre amor à verdade e à vida, um intransigente amor à verdade marcou a personalidade do Dr. Bion. Sabemos que experiências de vida são fundamentais ao trabalho clínico de um psicanalista. Consideremos que ele nasceu na Índia, teve uma rígida educação inglesa clássica, foi um ativo combatente nas duas Grandes Guerras, foi professor de educação física e de história, foi cirurgião, foi psiquiatra (criador de consagradas técnicas de psicoterapia em grupo), psicanalista praticante, marido, pai e avô querido pela família. Portanto, a vida de Bion foi marcada por profundas experiências que, embora difíceis, deram-lhe substrato para transcender seu percurso existencial. No interjogo entre vida e morte, a “vida” se consagrou. Perguntamos então: Como esses traços humanísticos de sua personalidade se revelavam na situação clínica? Ele era um analista alegre? Esperançoso? Bem-humorado?

Dr. Junqueira: eu acho essa pergunta muito interessante! Em primeiro lugar, Martha, esse amor à verdade, que é fundamental, penso que, em perguntas subsequentes, vai aparecer. Agora, é muito interessante, porque Dr. Bion não era uma pessoa alegre; ele era uma pessoa taciturna, e eu nunca o vi sorrir. Apesar de eu ser meio brincalhão e fazer umas brincadeiras na análise, eu nunca o vi sorrir. Uma vez, para vocês terem uma ideia, eu estava lendo Voltaire, *Cândido*, eu não sei se vocês leram, mas é a obra-prima de Voltaire. Lá, o Dr. Pangloss, que era o mentor do *Cândido*, tinha a filosofia de que tudo o que acontecia era sempre para o melhor dos mundos, tal era o otimismo dele. Quando eu levei isso para a minha análise, Dr. Bion me disse: “O Sr. acha que, com esse mundo que nós temos, é razão para ter tanto otimismo?”. Ele lutou nas duas Grandes Guerras, eu senti o profundo amor que ele tinha ao ser humano e, como você disse, um respeito fundamental à verdade. Entretanto, eu não o achava otimista.

Martha: Ele sofreu lutos importantes, a primeira esposa faleceu. . .

Dr. Junqueira: Por exemplo, eu me lembro de ele ter falado na análise que, lá em Hiroshima, quando jogaram a bomba, as pessoas no nível da explosão, do epicentro da explosão, viraram cinzas instantaneamente. E, hoje, todos nós sabemos que, com os armamentos que temos, podemos fazer isso com a humanidade, e ela virar cinzas várias vezes. Acho que muito alegre ele não era. . .

Quarta questão

Martha: Sobre viver em uma terra estrangeira e os novos *settings* atuais, sabemos, por meio dos estudos biográficos dos pioneiros de nossa ciência, que Freud, Klein e Bion trabalharam e viveram longe de suas terras natais, no estrangeiro, em grande parte de suas vidas.

Bion nasceu na Índia, viveu, estudou e formou-se em Londres, trabalhou seus últimos anos em Los Angeles (Estados Unidos) e em outros países. O senhor saiu de sua terra natal para fazer análise com Dr. Bion, em Los Angeles, viveu a experiência de análise com ele, chegando inclusive a se analisar durante o período de férias dele, na França. Podemos afirmar que estiveram juntos em território compartilhado e estrangeiro, significando uma grande liberdade para construir o *setting* analítico nos mais diversos lugares do mundo. Pergunto, Dr. Junqueira: poder-se-ia afirmar que, mesmo muito antes do advento das atuais análises on-line, a construção do *setting* analítico transcende os limites da linguagem, das barreiras físicas e geográficas? Nessa terra “estrangeira”, como se revelavam os movimentos de construção dos novos *settings* analíticos?

Dr. Junqueira: olha, Martha, o que eu sei e o que eu sinto é que o *setting* depende essencialmente das duas pessoas que estão ali e que são copartícipes daquela experiência. Por exemplo, como eu disse, a língua não foi barreira para o meu entendimento com o Dr. Bion. Por outro lado, nós tivemos várias modificações do *setting* quando, lá em Los Angeles, com a premência do tempo que eu tinha, eu pedi para ele se poderia aumentar os dias da minha análise; mas, como ele não trabalhava nem às sextas nem aos sábados, o que nós combinamos foi fazer duas sessões juntas às segundas-feiras; e, quando eu fiz análise com ele em Londres, nós fizemos sete sessões por semana. E mais: lá em Londres, nos dois últimos meses de análise, ele estava hospedado em um hotel que tinha uma pequena saleta no quarto dele, uma antessala, e nós fazíamos a análise nessa pequena saleta; inclusive, a Dona Francesca tinha de sair para eu poder fazer a sessão. E ali não tinha divã, então, a análise foi feita tête-à-tête, outra mudança no *setting*, mostrando que ele tinha uma liberdade muito grande para isso, entende?

Martha: mostrando que o *setting* é muito mais interno do que externo (um mobiliário).

Dr. Junqueira: exatamente! E depende também de um vínculo transferencial intenso, capaz de levar a um entendimento profundo.

Quinta questão

Cida: As teorias de Bion sobre a psicose, sobre o pensamento, a verdade, bem como as reflexões sobre a relação analítica, têm como um dos modelos, especialmente, a experiência da Primeira Grande Guerra, vivida por ele em sua juventude, exemplo de transformações em conhecimento psicanalítico dessa profunda e dolorosa experiência nos combates. Essa experiência também compareceu fortemente em sua autobiografia. O senhor esteve com ele após décadas dessa experiência vivida na Guerra; era perceptível na pessoa de Dr. Bion a presença e a dor dessas experiências? Como?

Dr. Junqueira: Cida, você falou em psicose. Então, como nós sabemos que ele desenvolveu trabalhos muito interessantes, nos quais mostra a importância da parte psicótica da humanidade, do ser humano, eu acho que ele sentia que o ser humano era suficientemente louco para se destruir. Agora que eu estou aposentado e que tenho lido demais, chegando a ler três ou quatro livros por semana, eu tenho lido muito sobre história, e a história da humanidade podemos resumir nas guerras sucessivas que sempre travamos. Entretanto, antigamente, era com arco e flecha; agora, é com arma atômica, a coisa mudou muito. A potência do autodestruir é muito presente e, eu penso que isso preocupava o Dr. Bion, porque eu sentia que ele tinha também um profundo amor ao ser humano. Eu sinto, por exemplo, que ele pôde me acolher profundamente, e eu sentia que ele se importava comigo e tinha afeto por mim. E isso era muito importante para minha análise.

Sexta questão

Cida: Entre os anos de 1972 e 1978, Bion esteve quatro vezes no Brasil, conduzindo supervisões, que o senhor traduziu e generosamente disponibilizou ao público interessado. Nessas supervisões, e em outras realizadas em diversos países, bem como nos seus seminários, uma das fortes marcas e influências que ele deixou foi sua firme e tranquila postura de indagar, problematizar, ou seja, priorizar a investigação dos fenômenos em curso, o não saber e o preestabelecido; Bion estava sempre em busca do desconhecido, do novo, encarnando, por assim dizer, o que constitui uma atitude socrática. Dr. Bion parecia ser resolutamente voltado ao desconhecido, uma disposição que poderíamos dizer inerente à personalidade dele? Gostaríamos que nos contasse um pouco como isso aparecia na relação com ele.

Dr. Junqueira: olha, Cida, isso aparecia de uma forma total; a Martha já se referiu à importância da verdade para ele. Vocês todos que estudaram a obra dele sabem que, para Bion, a verdade é algo a ser atingido. Então, na verdade, uma análise nunca finda, porque tem sempre mais e mais a ser visto; é como o horizonte que está assim, sempre à frente de nós. Muito bem, agora, você, então, falou sobre o desconhecido. Como a verdade está para ser sempre descoberta, o desconhecido anda na frente de nós. Por isso, o Cemitério de Ur, onde as tumbas dos reis egípcios foram violadas por salteadores séculos depois de lacradas, é um mito que ele revela desde cedo e que é tão importante, porque abre um caminho para investigar o desconhecido. Eu não vejo em nenhum dos precursores da psicanálise, nem nos grandes, como Freud, Melanie Klein, Abraham etc., essa importância dada ao desconhecido e esse amor à verdade. Pode ser que eu seja um pouco tendencioso, mas é como eu sinto.

Cida: sim, parece que isso caracteriza muito a pessoa do Dr. Bion.

Sétima questão

Martha: Atualmente, os psicanalistas se voltam, com muito empenho, a estudar a última grande obra de Bion, o ainda polêmico *Uma memória do futuro*. Buscam apreender, por meio da ficcionalidade, a multidimensionalidade da mente, transcendendo paradigmas. Uma memória do futuro, no âmbito da ficcionalidade, é resultante de um cientista que sonha e elabora, sem unilateralidades de campos de trabalho. Essa experiência dialoga com um dado publicado no seu livro *Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion* (2018), no qual o senhor, Dr. Junqueira, foi convidado a declamar um poema em português para seu analista, que, não conhecendo a língua lusa, ateu-se à sonoridade do plano de expressão. O senhor afirma tê-lo tocado em poesia. Pergunto-lhe: será esse o talento, a sensibilidade de um mestre que nos ensina a sermos analistas em qualquer tempo e lugar? Era assim que Bion trabalhava?

Dr. Junqueira: olha, Martha, a importância da poesia era uma coisa que chamava a atenção no Dr. Bion, por exemplo, os grandes poetas: Milton, Shakespeare, e não só os de fala inglesa, mas também outros, como Cervantes, Camões e até um poeta pouco conhecido, como Gregório de Matos, além de São João da Cruz etc. eram citações dele na minha análise. Shakespeare era uma pessoa fundamental. Ele conhecia obras de Shakespeare de forma impressionante! Eu me lembro de uma vez que eu comprei, lá em Londres, um K7 que trazia o texto de Macbeth, trazia o sonho da Lady Macbeth quando ela lavava então as mãos, e o sangue não desaparecia das mãos, e ela ficou maluca com aquilo. Então, eu relatei o sonho como realização de desejos do Freud. O Dr. Bion disse que poderíamos falar de Shakespeare como o primeiro psicanalista da história. Ele inclusive fala, em uma das “Conferências Brasileiras”, da importância da arte para a formação do psicanalista.

E não era só a literatura; a música também. E, por exemplo, ele tinha uma profunda admiração por Picasso; uma vez, lá nos Estados Unidos, eu tinha ido ver aquele retrato da grande poetisa americana Gertrude Stein em uma exposição do Picasso. Picasso a retratou em duas oportunidades; na segunda, quando ele terminou o quadro, ela não gostou e falou-lhe que não se parecia com ela. Aí ele disse para ela: “Vai parecer um dia”. O Dr. Bion me disse que grandes artistas como Picasso poderiam captar traços de personalidades que podem não aparecer hoje, mas que podem aparecer no futuro.

Oitava questão

Martha: Vamos retomar uma questão que bordejamos. Em uma de suas primeiras visitas ao Brasil, na série de conferências realizadas em São Paulo, seu contato com os brasileiros deu-se por meio de uma fábula descrita como relato histórico: o Cemitério Real de Ur. Tal história inclui mortes, maldições, drogas, religiosidade etc. Conta-nos Bion que, quando morreu o rei, os ministros da corte se alojaram junto ao seu cadáver, em uma tumba escavada. Foram vestidos de roupas riquíssimas, usaram as melhores joias e tomaram uma droga em pequenos copos que foram encontrados junto aos seus corpos. Séculos depois, a tumba foi saqueada, e encontraram seus corpos junto com grandes riquezas. Bion assinalou que esses saqueadores foram os primeiros investigadores em ciência da humanidade. Assim, construiu uma teoria de modelos que nos organiza para entrarmos com o paciente no campo analítico. Os mitos, as referências históricas, estéticas e filosóficas fazem parte da construção dos modelos que Bion utilizava. A história mítica do Cemitério de Ur e outros mitos, como o Édipo Rei, Jardim do Éden, Torre de Babel e Morte de Palinuro, foram

eleitas matrizes para pensar a psicanálise e desenvolver o processo analítico. Pergunto: Em sua relação com Bion, como ele utilizava essas matrizes?

Dr. Junqueira: olha, a importância dos mitos na análise estava sempre presente; agora, o que eu acho fundamental, Martha, é a questão do desconhecido, de nós focarmos sempre no desconhecido. No entanto, quando o analista tem essa postura na relação transferencial, a coisa, no começo, não é muito fácil de suportar, porque, de uma forma ou de outra, se adequar à busca do desconhecido assusta, o ser humano tem medo do desconhecido, ele se assusta. Por isso essa importância que o Dr. Bion deu aos salteadores da Tumba de Ur! Ele buscava esse desconhecido, e eu era convidado a participar disso, trabalhávamos buscando isso, mas, de fato, não era uma coisa muito fácil. Com o desenvolver da análise, fica mais fácil, quando nós nos convenceremos que é assim mesmo. Fazer análise não é fácil, afinal, não é para todo mundo que a análise é possível.

Nona questão

Cida: André Green, como consta no livro *Um psicanalista engajado* (p. 164), teve com Bion uma relação profunda de amizade e, referindo-se a ele, disse: “Para ele, ser psicanalista era dar prova de um conhecimento autêntico e profundo da mente humana de qualquer maneira que a abordemos, não forçosamente pela teoria psicanalítica”. Assim, gênios da arte, da música, da literatura, da filosofia, eram considerados por Bion analistas ou precursores da psicanálise. E Bion os cita em profusão. Em sua experiência, pareciam com frequência, em Dr. Bion, as várias linguagens, os vários vértices que levavam a um profundo contato com o mundo mental: científico, estético, religioso, filosófico, místico etc.?

Dr. Junqueira: Cida, eu acho que o Dr. Bion é, de fato, um analista único. Veja, por exemplo, Freud não via que a filosofia pudesse contribuir para a psicanálise, eu não vejo, pelo que li de Melanie Klein, referências filosóficas também. Agora, veja a importância dos aspectos filosóficos na obra do Bion! Vocês até fizeram aqui uma jornada sobre as matrizes filosóficas do Dr. Bion. Quanto ele deveu a Kant, por exemplo! Eu destacaria também, além de tudo o que já conversamos, uma coisa muito importante: a linguagem. Ele era uma pessoa profundamente culta e conhecia no inglês as raízes latinas das palavras, coisas que os americanos não conhecem, entende? Ou conhecem muito pouco. Por exemplo, eu tinha professores lá onde eu estudava inglês que se admiravam das palavras em inglês que eu sabia e eles próprios não sabiam, porque eles não se preocupavam com sua raiz latina; agora, o Dr. Bion, ele sabia tudo isso. Uma vez, por exemplo, eu estava falando para Dr. Bion, eu não sei se vocês conhecem, sobre o livro *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo; há ali há uma passagem que um polvo pega um sujeito e o envolve nos tentáculos, só que eu não sabia como falava polvo em inglês, aí eu falei “octopus”, que é latim e é nome de polvo em inglês. A linguagem era para ele uma coisa muito importante.

Cida: era, sim, Dr. Junqueira, e para o Sr. também, que é capaz dessa expansão por meio da linguagem. Isso é muito bom!

Décima questão

Martha: No Brasil, atualmente, muitas sociedades de psicanálise se voltam para estudos de Bion. O curso Matrizes Míticas na Obra de Bion, em Ribeirão Preto, se materializou em publicação editada na Editora Blucher. Na sequência, realizou-se, também na SBPRP, o evento sobre as matrizes filosóficas desse pensador nuclear, que também se constituirá em nova publicação. Neste ano de 2021,

está sendo proposto um novo curso sobre a obra de Bion, o qual se inicia com esta entrevista. Perguntamos: o que pensa o senhor, como um dos pioneiros da SBPRP, sobre o estudo do pensamento de Bion na formação de novos analistas? Qual a relevância, a seu ver, do estudo de sua obra para o futuro da psicanálise? Como vê a conjugação da investigação científica, modalizada pela formação humanística, em que mitologia, filosofia, arte, literatura, música e outras formas de expressão estética integram os saberes?

Dr. Junqueira: olha, Martha, parte disso nós já conversamos, mas eu acho fundamental que os jovens analistas aprendam que o que é fundamental em análise, como já ressaltamos, é a importância fundamental da verdade, dos seus desdobramentos e de reconhecer que o que nós temos de fazer na análise é perseguir o desconhecido. Temos de dar um enquadramento aos jovens analistas, e os Institutos de Psicanálise não podem prover tudo; é importante que eles se dediquem a uma formação paralela nas artes, eventualmente também na filosofia, como complemento à formação analítica.

Décima primeira questão

Martha: Bion estava na contramão da idolatria; podemos observar que a história de vida dos grandes autores costuma despertar grande interesse em seus seguidores. A relação pessoa/obra torna-se muitas vezes distante do decorrer do tempo. Bion não deixou, aparentemente, discípulos nem apóstolos; dizia que o único que poderia se intitular “bioniano” era ele mesmo, Bion. Tinha verdadeira impaciência com autoritarismo e idolatria em torno de si. Não pertenceu a grupos, preferindo sempre sua independência como pensador e clínico. Apontou os perigos da institucionalização e do envolvimento com a burocracia – que dizia ser excelente

para sufocar criatividade. Em sua determinação e independência, disposto a viver sem buscar os aplausos do público, não foi uma necessidade para Bion ser, no âmbito da psicanálise, uma grande referência ao lado de Freud e Melanie Klein, ou mesmo de outros pensadores. Perguntamos: essa liberdade de ser, sem buscar a centralidade do olhar de seus contemporâneos, na verdade lhe valeu o verdadeiro reconhecimento?

Dr. Junqueira: olha, Martha, eu acho que isso é parte da história, sem dúvida alguma. Aliás, lá em Los Angeles dizia-se – não posso dizer se é verdade ou não –, mas o Dr. Gooch e o Dr. Grotstein comentavam que ele tinha vindo de Londres exatamente para evitar essa idolatria. Agora, ele tem um mérito próprio que será uma espécie de farol para as gerações futuras, para outros desdobramentos que virão em psicanálise. Eu penso que as visões dele vão valer por muitos e muitos anos!

Martha: então, o Sr. acha importante o estudo da obra de Bion para os que estão começando a psicanálise?

Dr. Junqueira: acho! Embora eu ache a obra dele difícil de ler. Aliás, um dia, eu disse para ele: “Olha, Dr. Bion, o Sr. poderia ter escrito mais fácil, é difícil entender isso aí!”. Eu estava lendo *Transformações*, que é um livrinho bastante difícil. . .

Cida: Dr. Junqueira, por meio da experiência que tivemos com o Sr., fomos apresentadas a um Bion muito humano, muito próximo. O seu trabalho sobre as impressões de sua análise com ele nos deu vontade de conhecê-lo, levando-nos a entrar nessas áreas um pouco mais difíceis do pensamento dele. Mas nós fomos, aos poucos, nos aproximando do lado humano dele, o que foi muito importante!

Dr. Junqueira: uma coisa que me deixou muito à vontade com ele, por exemplo, é o seu aspecto cultural. Como ele tinha

curiosidade sobre o Brasil! Por exemplo, eu sempre pesquei muito, e, antigamente, eu pescava em lugares selvagens, como na Ilha do Bananal, que tinha tribos indígenas lá. Ele se interessava, por exemplo, por como o pirarucu respirava. . . Lá tem um peixe que se adere ao barco de alumínio, e a gente bate no casco, e o peixe emite um som em resposta. Sabe o que o Dr. Bion disse? Que eu inventei uma linguagem para me comunicar com o peixe. Ele me deixava completamente à vontade, foi uma experiência única.

Martha: conseguimos sentir na sua volta de Los Angeles sua paixão pelo estudo da obra de Bion. O Sr. conseguiu nos passar, em uma simplicidade que é peculiar a sua pessoa, essa paixão pelo Dr. Bion e pelo estudo da sua vasta obra. É o que estamos fazendo aqui!

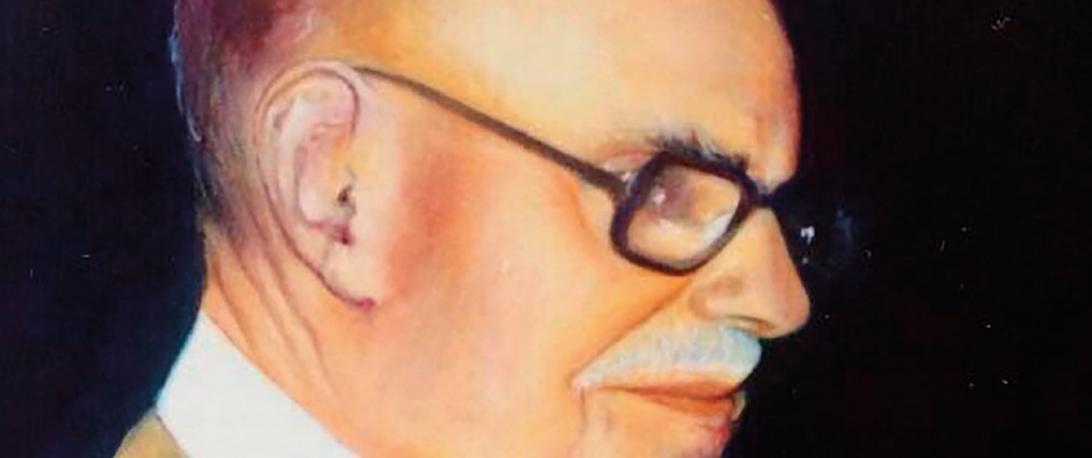
Dr. Junqueira: foi isso, Martha, que me moveu a buscar junto aos colegas as fitas originais das gravações de seus seminários e supervisões e transcrevê-las e traduzi-las. Porque neles aparece um Bion bem próximo da experiência da análise que eu tive com ele.

Martha: e isso frutifica em todo o Brasil, a nossa colega Gisèle, sua filha, mantém esse trabalho com as supervisões em São Paulo, com a presença de colegas do Brasil todo. Isso tudo é muito válido! Nós queremos agradecer ao Sr.

Dr. Junqueira: eu que agradeço a vocês! Foi muito bom para mim!

Cida: o Sr. nos apresentou esse Bion mais humano, mais simples, o que nos fez aproximarmos-nos dessa teoria que é mais densa, mais complexa. Obrigada!

Martha: e isso passamos para as novas gerações que estão chegando. A Sociedade está crescendo. Agradecemos!



Quem é Wilfred Bion para você? Em que o pensamento de Bion contribuiu para a evolução de sua prática psicanalítica? O que é turbulência emocional? Como harmonizar o nosso pensar e o nosso sentir?

O que são modelos na prática clínica? Qual seu alcance? Constituem linguagem de êxito?

O que é psiquismo fetal? Qual a sua relevância na formação da personalidade de uma pessoa?

“Memória do futuro” não é uma ideia incoerente?! Memória é algo do passado! Como pode ter a ver com algo do futuro? Qual a relevância desses conceitos na prática clínica de um psicanalista?

Essas e muitas outras ideias oriundas da vastidão teórico-clínica legada pela obra do psicanalista Wilfred R. Bion são abordadas de forma livre, simples e criativa pelos autores deste livro, que visa a expandir um vértice de observação inaugural para quem deseja se familiarizar e aprofundar na compreensão dos conceitos deste que é, certamente, um dos maiores gênios da psicanálise contemporânea.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-328-8

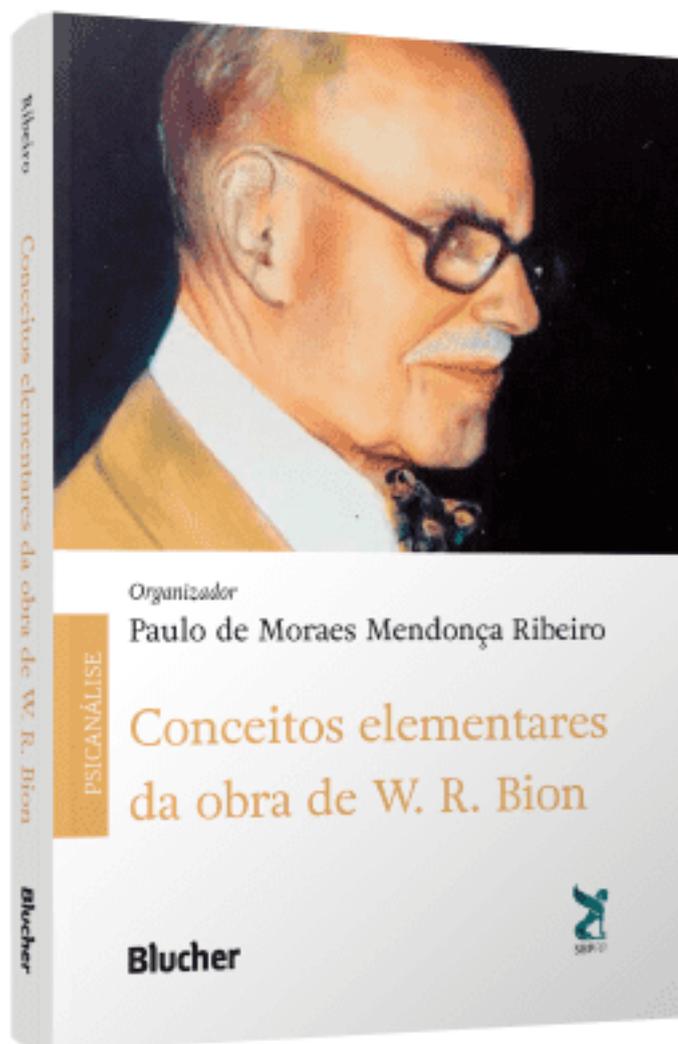


9 786555 1063288



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Conceitos Elementares da Obra de W. R. Bion

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro (Org.)

ISBN: 9786555063288

Páginas: 254

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
